

# S M C U G U T R O P

Lima Barreto

José de Alencar

Augusto dos Anjos

Machado de Assis

Cruz e Souza

Pero Vaz de Caminha

Luís de Camões

Castro Alves

Cláudio Manoel da Costa

Bento Teixeira

**VIRTUALBOOKS**

---

Apoio:



---

Patrocínio:



---

Realização:



virtualbooks on line

The logo for Virtualbooks on line, featuring the word "virtualbooks" in a dark blue, lowercase, sans-serif font, followed by "on line" in a smaller, lighter blue, lowercase, sans-serif font. The text is set against a blue, rounded, horizontal oval background.

---

**CACHOEIRA DE PAULO AFONSO  
CASTRO ALVES**

---

**Copyright © 2000, virtualbooks.com.br**

Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda.É proibida a reprodução do conteúdo deste livro em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.

## CACHOEIRA DE PAULO AFONSO CASTRO ALVES

### A Tarde

Era a hora em que a tarde se debruça  
Lá da crista das serras mais remotas...  
E d'araponga o canto, que soluça,  
Acorda os ecos nas sombrias grotas;  
Quando sobre a lagoa, que s'embuça,  
Passa o bando selvagem das gaivotas...  
E a onça sobre as lapas salta urrando,  
Da cordilheira os visos abalando.

Era a hora em que os cardos rumorejam  
Como um abrir de bocas inspiradas,  
E os angicos as comas espanejam  
Pelos dedos das auras perfumadas...  
A hora em que as gardênias, que se beijam,  
São tímidas, medrosas desposadas;  
E a pedra... a flor... as selvas... os condores

Gaguejam... falam... cantam seus amores!

Hora meiga da Tarde! Como és bela  
Quando surges do azul da zona ardente!  
... Tu és do céu a pálida donzela,  
Que se banha nas termas do oriente...  
Quando é gota do banho cada estrela,  
Que te rola da espádua refulgente...  
E, — prendendo-te a trança a meia lua,  
Te enrolas em neblinas seminua!...

Eu amo-te, ó mimosa do infinito!  
Tu me lembras o tempo em que era infante.  
Inda adora-te o peito do precito  
No meio do martírio excruciante;  
E, se não te dá mais da infância o grito  
Que menino elevava-te arrogante,  
É que agora os martírios foram tantos,  
Que mesmo para o riso só tem prantos!...

Mas não m'esqueço nunca dos fragedos  
Onde infante selvagem me guiavas,  
E os ninhos do sofrer que entre os silvedos  
Da embaíba nos ramos me apontavas;  
Nem, mais tarde, dos lânguidos segredos  
De amor do nenufar que enamoravas...  
E as tranças mulheris da granadilha!...  
E os abraços fogosos da baunilha!...

E te amei tanto — cheia de harmonias  
A murmurar os cantos da serrana, —  
A lustrar o broquel das serranias,  
A doirar dos rendeiros a cabana...

E te amei tanto — à flor das águas frias —  
Da lagoa agitando a verde cana,  
Que sonhava morrer entre os palmares,  
Fitando o céu ao tom dos teus cantares!...

Mas hoje, da procela aos estridores,  
Sublime, desgrenhada sobre o monte,  
Eu quisera fitar-te entre os condores  
Das nuvens arruivadas do horizonte...  
... Para então, — do relâmpago aos livores,  
Que descobrem do espaço a larga frente, —  
Contemplando o infinito..., na floresta  
Rolar ao som da funeral orquestra!!!

## MARIA

Onde vais à tardezinha,  
Mucama tão bonitinha,  
Morena flor do sertão?  
A grama um beijo te furta  
Por baixo da saia curta,  
Que a perna te esconde em vão...

Mimosa flor das escravas!  
O bando das rolas bravas  
Voou com medo de ti!...  
Levas hoje algum segredo...  
Pois te voltaste com medo  
Ao grito do bem-te-vi!

Serão amores deveras?  
Ah! Quem dessas primaveras

Pudesse a flor apanhar!  
E contigo, ao tom d'aragem,  
Sonhar na rede selvagem...  
À sombra do azul palmar!

Bem feliz quem na viola  
Te ouvisse a moda espanhola  
Da lua ao frouxo clarão...  
Com a luz dos astros — por círios,  
Por leito — um leito de lírios...  
E por tenda — a solidão!

### O BAILE NA FLOR

Que belas as margens do rio possante,  
Que ao largo espumante campeia sem par!...  
Ali das bromélias nas flores doiradas  
Há silfos e fadas, que fazem seu lar...  
E, em lindos cardumes,  
Sutis vaga-lumes  
Acendem os lumes  
P'ra o baile na flor.  
E então — nas arcadas  
Das pet'las doiradas,  
Os grilos em festa  
Começam na orquestra  
Febris a tocar...  
E as breves  
Falenas  
Vão leves,  
Serenas,  
Em bando

Girando,  
Valsando,  
Voando  
No ar!...

## NA MARGEM

“Vamos! Vamos! Aqui por entre os juncos  
Ei-la a canoa em que eu pequena outrora  
Voava nas maretas... Quando o vento,  
Abrindo o peito à camisinha úmida,  
Pela testa enrolava-me os cabelos,  
Ela voava qual marreca brava  
No dorso crespo da feral enchente!  
Voga, minha canoa! Voga ao largo!  
Deixa a praia, onde a vaga morde os juncos  
Como na mata os caítitus bravios...  
Filha das ondas! andorinha arisca!  
Tu, que outrora levavas minha infância  
— Pulando alegre no espumante dorso  
Dos cães-marinhos a morder-te a proa, —  
Leva-me agora a mocidade triste  
Pelos ermos do rio ao longe... ao longe...”  
Assim dizia a Escrava...

Iam caindo

Dos dedos do crepúsc’lo os véus de sombra,  
Com que a terra se vela como noiva  
Para o doce himeneu das noites límpidas...  
Lá no meio do rio, que cintila,  
Como o dorso de enorme crocodilo,  
Já manso e manso escoá-se a canoa.  
Parecia, assim vista ao sol poente,

Esses ninhos, que tombam sobre o rio,  
E onde em meio das flores vão chilrando  
— Alegres sobre o abismo — os passarinhos!...

.....

Tu — guardas algum segredo?...

Maria, 'stás a chorar!

Onde vais? Por que assim foges,

Rio abaixo a deslizar?

Pedra — não tens o teu musgo?

Não tens um favônio — flor?

Estrela — não tens um lago?

Mulher — não tens um amor?

## A QUEIMADA

Meu nobre perdigueiro! vem comigo.

Vamos a sós, meu corajoso amigo,

Pelos ermos vagar!

Vamos já dos gerais, que o vento açoita,

Dos verdes capinais n'agreste moita

A perdiz levantar!...

Mas não!... Pousa a cabeça em meus joelhos...

Aqui, meu cão!... Já de listrões vermelhos

O céu se iluminou.

Eis súbito da barra do ocidente,

Doudo, rubro, veloz, incandescente,

O incêndio que acordou!

A floresta rugindo as comas curva...

As asas foscas o gavião recurva,

Espantado a gritar.

O estampido estupendo das queimadas

Se enrola de quebradas em quebradas,

Galopando no ar.  
E a chama lavra qual jibóia informe,  
Que, no espaço vibrando a cauda enorme,  
Ferra os dentes no chão...  
Nas rubras roscas estortega as matas...,  
Que espadanam o sangue das cascatas  
Do roto coração!...  
O incêndio — leão ruivo, ensangüentado,  
A juba, a crina atira desgrenhado  
Aos pampeiros dos céus!...  
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...  
Queimado..., retorcendo na hecatomba  
Os braços para Deus.  
A queimada! A queimada é uma fornalha!  
A irara — pula; o cascavel — chocalha...  
Raiva, espuma o tapir!  
... E às vezes sobre o cume de um rochedo  
A corça e o tigre — náufragos do medo —  
Vão trêmulos se unir!  
Então passa-se ali um drama augusto...  
N'último ramo do pau-d'arco adusto  
O jaguar se abrigou...  
Mas rubro é o céu... Recresce o fogo em mares...  
E após... tombam as selvas seculares...  
E tudo se acabou!..

## LUCAS

Quem fosse naquela hora,  
Sobre algum tronco lascado  
Sentar-se no descampado  
Da solitária ladeira,

Veria descer da serra,  
Onde o incêndio vai sangrento,  
A passo tardio e lento,  
Um belo escravo da terra  
Cheio de viço e valor...  
Era o filho das florestas!  
Era o escravo lenhador!  
Que bela testa espaçosa,  
Que olhar franco e triunfante!  
E sob o chapéu de couro  
Que cabeleira abundante!  
De marchetada jibóia  
Pende-lhe a rasto o facão...  
E assim... erguendo o machado  
Na larga e robusta mão...  
Aquele vulto soberbo,  
— Vivamente alumiado, —  
Atravessa o descampado  
Como uma estátua de bronze  
Do incêndio ao fulvo clarão.

Desceu a encosta do monte,  
Tomou do rio o caminho...  
E foi cantando baixinho  
Como quem canta p'ra si.

Era uma dessas cantigas  
Que ele um dia improvisara,  
Quando junto da coivara  
Faz-se o Escravo — trovador.

Era um canto languoroso,  
Selvagem, belo, vivace,

Como o caniço que nasce  
Sob os raios do Equador.  
Eu gosto dessas cantigas,  
Que me vem lembrar a infância,  
São minhas velhas amigas,  
Por elas morro de amor...

Deixai ouvir a toada  
Do — cativo lenhador —  
E o sertanejo assim solta a tirana,  
Descendo lento p’ra a servil cabana...

### TIRANA

“Minha Maria é bonita,  
Tão bonita assim não há;  
O beija-flor quando passa  
Julga ver o manacá.  
“Minha Maria é morena,  
Como as tardes de verão;  
Tem as tranças da palmeira  
Quando sopra a viração.  
“Companheiros! o meu peito  
Era um ninho sem senhor;  
Hoje tem um passarinho  
P’ra cantar o seu amor.  
“Trovadores da floresta!  
Não digam a ninguém, não!...  
Que Maria é a baunilha  
Que me prende o coração.  
“Quando eu morrer só me enterrem  
Junto às palmeiras do val,

Para eu pensar que é Maria  
Que geme no taquaral...”

## A SENZALA

Qual o veado, que buscou o aprisco,  
Balindo arisco, para a cervo corre...  
ou como o pombo, que os arrulos solta,  
Se ao ninho volta, quando a tarde morre...,  
Assim, cantando a pastoril balada,  
Já na esplanada o lenhador chegou.  
Para a cabana da gentil Maria  
Com que alegria a suspirar marchou!  
Ei-la a casinha... tão pequena e bela!  
Como é singela com seus brancos muros!  
Que liso teto de sapé doirado!  
Que ar engraçado! que perfumes puros!  
Abre a janela para o campo verde,  
Que além se perde pelos cerros nus...  
A testa enfeitada da infantil choupana  
Verde liana de festões azuis.  
É este o galho da rolinha brava,  
Aonde a escrava seu viver abriga...  
Canta a jandaia sobre a curva rama  
E alegre chama sua dona amiga.  
Aqui n’aurora, abandonando os ninhos,  
Os passarinhos vêm pedir-lhe pão;  
Pousam-lhe alegres nos cabelos bastos,  
Nos seios castos, na pequena mão.

---

Eis o painel encantado,  
Que eu quis pintar, mas não pude...

Lucas melhor o traçara  
Na canção suave e rude...  
Vede que olhar, que sorriso  
S'expande no brônzeo rosto,  
Vendo o lar do seu amor...  
Ai! Da luz do Paraíso  
Bate-lhe em cheio o fulgor.

## DIÁLOGO DOS ECOS

E chegou-se p'ra a vivenda  
Risonho, calmo, feliz...  
Escutou... mas só ao longe  
Cantavam as juritis...  
Murmurou: “Vou surpr'endê-la!”  
E a porta ao toque cedeu...  
“Talvez agora sonhando  
Diz meu nome o lábio seu,  
Que a dormir nada prevê...”  
E o eco responde: — Vê!...  
“Como a casa está tão triste  
Que aperto no coração!...  
Maria!... Ninguém responde!  
Maria, não ouves, não?...  
Aqui vejo uma saudade  
Nos braços de sua cruz...  
Que querem dizer tais prantos,  
Que rolam tantos, tantos,  
Sobre as faces da saudade  
Sobre os braços de Jesus?...  
Oh! quem me empresta uma luz?...  
Quem me arranca a ansiedade,

Que no meu peito nasceu?  
Quem deste negro mistério  
Me rasga o sombrio véu?...”  
E o eco responde: — Eu!...  
E chegou-se para o leito  
Da casta flor do sertão...  
Apertou co’ a mão convulsa  
O punhal e o coração!...  
‘Stava inda tépido o ninho  
Cheio de aromas suaves...  
E — como a pena, que as aves  
Deixam no musgo ao voar, —  
Um anel de seus cabelos  
Jazia cortado a esmo  
Como relíquia no altar!...  
Talvez prendendo nos elos  
Mil suspiros, mil anelos,  
Mil soluços, mil desvelos,  
Que ela deu-lhes p’ra guardar!...  
E o pranto em baga a rolar...  
“Onde a pomba foi perder-se?  
Que céu minha estrela encerra?  
Maria, pobre criança,  
Que fazes tu sobre a terra?”  
E o eco responde: — Erra!  
“Partiste! Nem te lembraste  
Deste martírio sem fim!...  
Não! perdoa... tu choraste  
E os prantos, que derramaste  
Foram vertidos por mim...  
Houve pois um braço estranho  
Robusto, feroz, tamanho,  
Que pôde esmagar-te assim?...”

E o eco responde: — Sim!  
E rugiu: “Vingança! guerra!  
Pela flor, que me deixaste,  
Pela cruz em que rezaste,  
E que teus prantos encerra!  
Eu juro guerra de morte  
A quem feriu desta sorte  
O anjo puro da terra...  
Vê como este braço é forte!  
Vê como é rijo este ferro!  
Meu golpe é certo... não erro.  
Onde há sangue, sangue escorre!...  
Vilão! Deste ferro e braço,  
Nem a terra, nem o espaço,  
Nem mesmo Deus te socorre!!...”  
E o eco responde: — Corre !  
Como o cão ele em torno o ar aspira,  
Depois se orientou.  
Fareja as ervas... descobriu a pista  
E rápido marchou.

.....  
..

No entanto sobre as águas, que cintilam,  
Como o dorso de enorme crocodilo,  
Já manso e manso escoá-se a canoa;  
Parecia assim vista — ao sol poente —  
Esses ninhos, que o vento lança às águas,  
E que na enchente vão boiando à toa!...

## O NADADOR

Ei-lo que ao rio arroja-se.

As vagas bipartiram-se;  
Mas rijas contraíram-se  
Por sobre o nadador...  
Depois s'entrebrea lúgubre  
Um círculo simbólico...  
É o riso diabólico  
Do pego zombador!  
Mas não! Do abismo — indômito  
Surge-me um rosto pálido,  
Como o Netuno esqualido,  
Que amaina a crina ao mar;  
Fita o batel longínquo  
Na sombra do crepúsculo...  
Rasga com férreo músculo  
O rio par a par.  
Vagas! Dalilas pérfidas!  
Moças, que abris um túmulo,  
Quando do amor no cúmulo  
Fingis nos abraçar!  
O nadador intrépido  
Vos toca as tetas cérulas...  
E após — zombando — as pérolas  
Vos quebra do colar.  
Vagas! Curvai-vos tímidas!  
Abri fileiras pávidas  
Às mãos possantes, ávidas  
Do nadador audaz!...  
Belo, de força olímpica  
— Soltos cabelos úmidos —  
Braços hercúleos, tímidos...  
É o rei dos vendavais!  
Mas ai! Lá ruge próxima  
A correnteza hórrida,

Como da zona tórrida  
A boicininga a urrar...  
É lá que o rio indômito,  
Como o corcel da Ucrânia,  
Rincha a saltar de insânia,  
Freme e se atira ao mar.  
Tremeste? Não! Qu'importa-te  
Da correnteza o estrídulo?  
Se ao longe vês teu ídolo,  
Ao longe irás também...  
Salta à garupa úmida  
Deste corcel titânico...  
— Novo Mazeppa oceânico —  
Além! além! além!...

## NO BARCO

— Lucas! — Maria! murmuraram juntos...  
E a moça em pranto lhe caiu nos braços.  
Jamais a parasita em flóreos laços  
Assim ligou-se ao piquiá robusto...  
Eram-lhe as tranças a cair no busto  
Os esparsos festões da granadilha...  
Tépido aljofar o seu pranto brilha,  
Depois resvala no moreno seio...  
Oh! doces horas de suave enleio!  
Quando o peito da virgem mais arqueja,  
Como o casal da rola sertaneja,  
Se a ventania lhe sacode o ninho.  
Cantai, ó brisas, mas cantai baixinho!  
Passai, ó vagas..., mais passai de manso!  
Não perturbeis-lhe o plácido remanso,

Vozes do ar! emanções do rio!  
“Maria, fala!” — “Que acordar sombrio”,  
Murmura a triste com um sorriso louco,  
“No Paraíso eu descansava um pouco...  
Tu me fizeste despertar na vida ...  
“Por que não me deixaste assim pendida  
Morrer co’ a fronte oculta no teu peito?  
Lembrei-me os sonhos do materno leito  
Nesse momento divinal... Qu’ importa?...  
“Toda esperança para mim ’sta morta...  
Sou flor manchada por cruel serpente...  
Só de encontro nas rochas pode a enchente  
Lavar-me as nódoas, m’ esfolhando a vida.  
“Deixa-me! Deixa-me a vagar perdida...  
Tu! — Parte! Volve para os lares teus.  
Nada perguntes... é um segredo horrível...  
Eu te amo ainda... mas agora — adeus!”

#### ADEUS

— Adeus — Ai criança ingrata!  
Pois tu me disseste — adeus — ?  
Loucura! melhor seria  
Separar a terra e os céus.  
— Adeus — palavra sombria!  
De uma alma gelada e fria  
És a derradeira flor.  
— Adeus! — miséria! mentira  
De um seio que não suspira,  
De um coração sem amor.  
Ai, Senhor! A rola agreste  
Morre se o par lhe faltou.  
O raio que abrasa o cedro

A parasita abrasou.  
O astro namora o orvalho:  
— Um é a estrela do galho,  
— Outro o orvalho da amplidão.  
Mas, à luz do sol nascente,  
Morre a estrela — no poente!  
O orvalho — morre no chão!  
Nunca as neblinas do vale  
Souberam dizer-se — adeus —  
Se unidas partem da terra,  
Perdem-se unidas nos céus.  
A onda expira na plaga...  
Porém vem logo outra vaga  
P’ra morrer da mesma dor...  
— Adeus — palavra sombria!  
Não digas — adeus —, Maria!  
Ou não me fales de amor!

## MUDO E QUEDO

E calado ficou... De pranto as bagas  
Pelo moreno rosto deslizaram,  
qual da braúna, que o machado fere,  
Lágrimas saltam de um sabor amargo.  
Mudos, quedos os dois neste momento  
Mergulhavam no dédalo d’angústia,  
No labirinto escuro que desgraça...  
Labirinto sem luz, sem ar, sem fio...  
Que dor, que drama torvo de agonias  
Não vai naquelas almas!... Dor sombria  
De ver quebrado aquele amor tão santo,  
De lembrar que o passado está passado...,

Que a esperança morreu, que surge a morte!...  
Tanta ilusão!... tanta carícia meiga!...  
Tanto castelo de ventura feito  
À beira do riacho, ou na campanha!...  
Tanto êxtase inocente de amorosos!...  
Tanto beijo na porta da choupana,  
Quando a lua invejosa no infinito  
Com uma bênção de luz sagrava os noivos!...  
Não mais! não mais! O raio, quando esgalha  
O ipê secular, atira ao longe  
Flores, que há pouco se beijavam n'hástea,  
Que unidas nascem, juntas viver pensam,  
E que jamais na terra hão de encontrar-se!

---

Passou-se muito tempo... Rio abaixo  
A canoa corria ao tom das vagas.  
De repente ele ergueu-se hirto, severo,  
— O olhar em fogo, o riso convulsivo —  
Em golfadas lançando a voz do peito!...  
“Maria! — diz-me tudo... Fala! fala  
Enquanto eu posso ouvir... Criança, escuta!  
Não vês o rio?... é negro!... é um leito fundo...  
A correnteza, estrepitando, arrasta  
Uma palmeira, quanto mais um homem!...  
Pois bem! Do seio túrgido do abismo  
Há de romper a maldição do morto;  
Depois o meu cadáver negro, lívido,  
Irá seguindo a esteira da canoa  
Pedir-te inda que fales, desgraçada,  
Que ao morto digas o que ao vivo ocultas!...”  
Era tremenda aquela dor selvagem,  
Que rebentava enfim, partindo os diques  
Na fúria desmedida!...

Em meio às ondas  
Ia Lucas rolar  
Um grito fraco,  
Uma trêmula mão susteve o escravo...  
E a pálida criança, desvairada,  
Aos pés caiu-lhe a desfazer-se em pranto.  
Ela encostou-se ao peito do selvagem  
— Como a violeta, as faces escondendo  
Sob a chuva noturna dos cabelos — !  
Lenta e sombria após contou destarte  
A treta história desse tredo crime!...

## NA FONTE

### I

“Era hoje ao meio-dia.  
Nem uma brisa macia  
Pela savana bravia  
Arrufava os ervaçais...  
Um sol de fogo abrasava;  
Tudo a sombra procurava;  
Só a cigarra cantava  
No tronco dos coqueirais.

### II

“Eu cobri-me da mantilha,  
Na cabeça pus a bilha,  
Tomei do deserto a trilha,  
Que lá na fonte vai dar.  
Cansada cheguei na mata:

Ali, na sombra, a cascata  
As alvas tranças desata  
Como u'a moça a brincar.

### III

“Era tão densa a espessura!  
Corria a brisa tão pura!  
Reinava tanta frescura,  
Que eu quis me banhar ali.  
Olhei em roda... Era quedo  
O mato, o campo, o rochedo...  
Só nas galhas do arvoredo  
Saltava alegre o sagüi.

### IV

“Junto às águas cristalinas  
Despi-me louca, traquinas,  
E as roupas alvas e finas  
Atirei sobre os cipós.  
Depois mirei-me inocente,  
E ri vaidosa... e contente...  
Mas voltei-me de repente...  
Como que ouvira uma voz!

### V

“Quem foi que passou ligeiro,  
Mexendo ali no ingazeiro,  
E se embrenhou no balceiro,  
Rachando as folhas do chão?...  
Quem foi?! Da mata sombria  
Uma vermelha cutia  
Saltou tímida e bravia,  
Em procura do sertão.

## VI

“Chamei-me então de criança;  
A meus pés a onda mansa  
Por entre os juncos s’entraça  
Como uma cobra a fugir!  
Mergulho o pé docemente;  
Com o frio fujo à corrente...  
De um salto após de repente  
Fui dentro d’água cair.

## VII

“Quando o sol queima as estradas,  
E nas várzeas abrasadas  
Do vento as quentes lufadas  
Erguem novelos de pó,  
Como é doce em meio às canas,  
Sob um teto de lianas,  
Das ondas nas espadanas  
Banhar-se despida e só!...

## VIII

“Rugitavam os palmares...  
Em torno dos nenufares  
Zumbiam pejando os ares  
Mil insetos de rubim...  
Eu naquele leito brando  
Rolava alegre cantando...  
Súbito... um ramo estalando  
Salta um homem junto a mim!”

## NOS CAMPOS

“Fugi desvairada!  
Na moita intrincada,  
Rasgando uma estrada,  
Fugaz me embrenhei.  
Apenas vestindo  
Meus negros cabelos,  
E os seios cobrindo  
Com os trêmulos dedos,  
Ligeira voei!

“Saltei as torrentes.  
Trepai dos rochedos  
Aos cimos ardentes,  
Nos ínvios caminhos,  
Cobertos de espinhos,  
Meus passos mesquinhos  
Com sangue marquei!

.....  
“Avante! corramos!  
Corramos ainda!...  
Da selva nos ramos  
A sombra é infinda.  
A mata possante  
Ao filho arquejante  
Não nega um abrigo...

Corramos ainda!  
Corramos! avante!  
“Debalde! A floresta  
— Madrasta impiedosa —  
A pobre chorosa  
Não quis abrigar!  
“Pois bem! Ao deserto!

“De novo, é loucura!  
Seguindo meus traços  
Escuto seus passos  
Mais perto! mais perto!  
Já queima-me os ombros  
Seu hálito ardente.  
Já vejo-lhe a sombra  
Na úmida alfombra...  
Qual negra serpente,  
Que vai de repente  
Na presa saltar!...

.....  
Na douda  
Corrida,  
Vencida,  
Perdida,  
Quem me há de salvar?”

## NO MONTE

“Parei... Volvi em torno os olhos assombrados...  
Ninguém! A solidão pejava os descampados...  
Restava inda um segundo... um só p’ra me salvar;  
Então reuni as forças, ao céu ergui o olhar...  
E do peito arranquei um pavoroso grito,  
Que foi bater em cheio às portas do infinito!  
Ninguém! Ninguém me acode... Ai! só de monte em

monte

Meu grito ouvi morrer na extrema do horizonte!...  
Depois a solidão ainda mais calada  
Na mortalha envolveu a serra descampada!...  
“Ai! que pode fazer a rola triste

Se o gavião nas garras a espedaça?  
Ai! que faz o cabrito do deserto,  
Quando a jibóia no potente aperto  
Em roscas férreas o seu corpo enlaça?  
“Fazem como eu?... Resistem, batem, lutam,  
E finalmente expiram de tortura.  
Ou, se escapam trementes, arquejantes,  
Vão, lambendo as feridas gotejantes,  
Morrer à sombra da floresta escura!...  
“E agora está concluída  
Minha história desgraçada.  
Quando caí — era virgem!  
Quando ergui-me — desonrada!”

#### SANGUE DE AFRICANO

Aqui sombrio, fero, delirante  
Lucas ergueu-se como o tigre bravo...  
Era a estátua terrível da vingança...  
O selvagem surgiu... sumiu-se o escravo.  
Crispado o braço, no punhal segura!  
Do olhar sangrentos raios lhe ressaltam,  
Qual das janelas de um palácio em chamas  
As labaredas, irrompendo, saltam.  
Com o gesto bravo, sacudido, fero,  
A destra ameaçando a imensidade...  
Era um bronze de Aquiles furioso  
Concentrando no punho a tempestade!  
No peito arcado o coração sacode  
O sangue, que da raça não desmente,  
Sangue queimado pelo sol da Líbia,  
Que ora referve no Equador ardente.

## AMANTE

“Basta, criança! Não soluces tanto...  
Enxuga os olhos, meu amor, enxuga!  
Que culpa tem a clícia descaída  
Se abelha envenenada o mel lhe suga?  
“Basta! Esta faca já contou mil gotas  
De lágrimas de dor nos teus olhares.  
Sorri, Maria! Ela jurou pagar-tas  
No sangue dele em gotas aos milhares.  
“Por que volves os olhos desvairados?  
Por que tremes assim, frágil criança?  
Est’alma é como o braço, o braço é ferro,  
E o ferro sabe o trilho da vingança.  
“Se a justiça da terra te abandona,  
Se a justiça do céu de ti se esquece,  
A justiça do escravo está na força...  
E quem tem um punhal nada carece!...  
“Vamos! Acaba a história... Lança a presa...  
Não vês meu coração, que sente fome?  
Amanhã chorarás; mas de alegria!  
Hoje é preciso me dizer — seu nome!”

## ANJO

“Ai! Que vale a vingança, pobre amigo,  
Se na vingança a honra não se lava?...  
O sangue é rubro, a virgindade é branca —  
O sangue aumenta da vergonha a bava.  
“Se nós fomos somente desgraçados,  
Para que miseráveis nos fazemos?”

Desportados da terra assim perdemos  
De além da campa as regiões sem termos...  
“Ai! não manches no crime a tua vida,  
Meu irmão, meu amigo, meu esposo!...  
Seria negro o amor de uma perdida  
Nos braços a sorrir de um criminoso!...”

## DESESPERO

“Crime! Pois será crime se a jibóia  
Morde silvando a planta, que a esmagara?  
Pois será crime se o jaguar nos dentes  
Quebra do índio a pérfida taquara?  
“E nós que somos, pois? Homens? — Loucura!  
Família, leis e Deus lhes coube em sorte.  
A família no lar, a lei no mundo...  
E os anjos do Senhor depois da morte.  
“Três leitos, que sucedem-se macios,  
Onde rolam na santa ociosidade...  
O pai o embala... a lei o acaricia...  
O padre lhe abre a porta à eternidade.  
“Sim! Nós somos reptis... Qu’importa a espécie?  
— A lesma é vil, — o cascavel é bravo.  
E vens falar de crimes ao cativo?  
Então não sabes o que é ser escravo!...  
“Ser escravo — é nascer no alcoice escuro  
Dos seios infamados da vendida...  
— Filho da perdição no berço impuro  
Sem leite para a boca ressequida...  
“É mais tarde, nas sombras do futuro,  
Não descobrir estrela foragida...  
É ver — viajante morto de cansaço —

A terra — sem amor!... sem Deus — o espaço!  
“Ser escravo — é, dos homens repellido,  
Ser também repellido pela fera;  
Sendo dos dois irmãos pasto querido,  
Que o tigre come e o homem dilacera...  
— É do lodo no lodo sacudido  
Ver que aqui ou além nada o espera,  
Que em cada leito novo há mancha nova...  
No berço... após no toro... após na cova!...  
“Crime! Quem falou, pobre Maria,  
Desta palavra estúpida?... Descansa!  
Foram eles talvez?!... É zombaria...  
Escarnecem de ti, pobre criança!  
Pois não vês que morremos todo dia,  
Debaixo do chicote, que não cansa?  
Enquanto do assassino a frente calma  
Não revela um remorso de sua alma?  
“Não! Tudo isto é mentira! O que é verdade  
É que os infames tudo me roubaram...  
Esperança, trabalho, liberdade  
Entreguei-lhes em vão... não se fartaram.  
Quiseram mais... Fatal voracidade!  
Nos dentes meu amor espedaçaram...  
Maria! Última estrela de minh’alma!  
O que é feito de ti, virgem sem palma?  
“Pomba — em teu ninho as serpes te morderam.  
Folha — rolaste no paul sombrio.  
Palmeira — as ventanias te romperam.  
Corça — afogaram-te as caudais do rio.  
Pobre flor — no teu cálice beberam,  
Deixando-o depois triste e vazio...  
— E tu, irmã! e mãe! e amante minha!  
Queres que eu guarde a faca na bainha!

“Ó minha mãe! ó mártir africana,  
Que morreste de dor no cativoiro!  
Ai! sem quebrar aquela jura insana,  
Que jurei no teu leito derradeiro,  
No sangue desta raça ímpia, tirana  
Teu filho vai vingar um povo inteiro!...  
Vamos, Maria! Cumpra-se o destino...  
Dize! dize-me o nome do assassino!...”

---

“Virgem das Dores,  
Vem dar-me alento,  
Neste momento  
De agro sofrer!  
Para ocultar-lhe  
Busquei a morte...  
Mas vence a sorte,  
Deve assim ser.

.....  
“Pois que seja! Debalde pedi-te,  
Ai! de balde a teus pés me rojei...  
Porém antes escuta esta história...  
Depois dela... O seu nome direi!”

## HISTÓRIA DE UM CRIME

“Fazem hoje muitos anos  
Que de uma escura senzala  
Na estreita e lodosa sala  
Arquejava u’ a mulher.  
Lá fora por entre as urzes  
O vendaval s’ estorcias...  
E aquela triste agonia

Vinha mais triste fazer.  
“A pobre sofria muito.  
Do peito cansado, exangue,  
Às vezes rompia o sangue  
E lhe inundava os lençóis.  
Então, como quem se agarra  
Às últimas esperanças,  
Duas pávidas crianças  
Ela olhava... e ria após.  
“Que olhar! que olhar tão extenso!  
Que olhar tão triste e profundo!  
Vinha já de um outro mundo,  
Vinha talvez lá do céu.  
Era o raio derradeiro.  
Que a lua, quando se apaga,  
Manda por cima da vaga  
Da espuma por entre o véu.  
“Ainda me lembro agora  
Daquela noite sombria,  
Em que u’ a mulher morria  
Sem rezas, sem oração!...  
Por padre — duas crianças...  
E apenas por sentinela  
Do Cristo a face amarela  
No meio da escuridão.  
“Às vezes naquela fronte  
Como que a morte pousava  
E da agonia aljofrava  
O derradeiro suor...  
Depois acordava a mártir,  
Como quem tem um segredo...  
Ouvia em torno com medo,  
Com susto olhava em redor.

“Enfim, quando noite velha  
Pesava sobre a mansarda,  
E somente o cão de guarda  
Ladrava aos ermos sem fim,  
Ela, nos braços sangrentos  
As crianças apertando,  
Num tom meigo, triste e brando  
Pôs-se a falar-lhes assim.

### ÚLTIMO ABRAÇO

“Filho, adeus! Já sinto a morte,  
Que me esfria o coração.  
Vem cá... Dá-me tua mão...  
Bem vês que nem mesmo tu  
Podes dar-lhe novo alento!...  
Filho, é o último momento...  
A morte — a separação!  
Ao desamparo, sem ninho,  
Ficas, pobre passarinho,  
Neste deserto profundo,  
Pequeno, cativo e nu!...  
“Que sina, meu Deus! que sina  
Foi a minha neste mundo!  
Presa ao céu — pelo desejo,  
Presa à terra — pelo amor!...  
Que importa! é tua vontade?  
Pois seja feita, Senhor!  
“Pequei!... foi grande o meu crime,  
Mas é maior o castigo...  
Ai! não bastava a amargura  
Das noites ao desabrigo;

De espedaçarem-me as carnes  
O tronco, o açoite, a tortura,  
De tudo quanto sofri.  
Era preciso mais dores,  
Inda maior sacrifício...  
Filho! bem vês meu suplício...  
Vão separar-me de ti!  
“Chega-te perto... mais perto;  
Nas trevas procura ver-te  
Meu olhar, que treme incerto,  
Perturbado, vacilante...  
Deixa em meus braços prender-te  
P’ra não morrer neste instante;  
Inda tenho que fazer-te  
Uma triste confissão...  
Vou revelar-te um segredo  
Tão negro, que tenho medo  
De não ter o teu perdão!...  
Mas não!  
Quando um padre nos perdoa,  
Quando Deus tem piedade  
De um filho no coração  
Uma mãe não bate à toa.

### MÃE PENITENTE

“Ouve-me, pois!... Eu fui uma perdida;  
Foi este o meu destino, a minha sorte...  
Por esse crime é que hoje perco a vida,  
Mas dele em breve há de salvar-me a morte!  
“E minh’alma, bem vês, que não se irrita,  
Antes bendiz estes mandões ferozes.

Eu seria talvez por ti maldita,  
Filho! sem o batismo dos algozes!  
“Porque eu pequei... e do pecado escuro  
Tu foste o fruto cândido, inocente,  
— Borboleta, que sai do — lodo impuro...  
— Rosa, que sai de — pútrida semente!  
“Filho! Bem vês... fiz o maior dos crimes  
— Criei um ente para a dor e a fome!  
Do teu berço escrevi nos brancos vimes  
O nome de bastardo — impuro nome.  
“Por isso agora tua mãe te implora  
E a teus pés de joelhos se debruça.  
Perdoa à triste — que de angústia chora,  
Perdoa à mártir — que de dor soluça!  
“Mas um gemido a meus ouvidos soa...  
Que pranto é este que em meu seio rola?  
Meu Deus, é o pranto seu que me perdoa...  
Filho, obrigada pela tua esmola!”

## O SEGREDO

“Agora vou dizer-te por que morro;  
Mas hás de jurar primeiro,  
Que jamais tuas mãos inocentes  
Ferirão meu algoz derradeiro...  
Meu filho, eu fui a vítima  
Da raiva e do ciúme.  
Matou-me como um tigre carniceiro,  
Bem vês,  
Uma branca mulher, que em si resume  
Do tigre — a malvadez,  
Do cascavel — o rancor!...”

Deixo-te, pois...

— Um grito de vingança?

— Não, pobre criança! ...

Um crime a perdoar... o que é melhor!...

“Depois. teve razão... Esta mulher

É tua e minha senhora!...

.....

.....

“Lucas, silêncio! que por ela implora

Teu pai... e teu irmão! ...

“Teu irmão, que é seu filho... (ó magoa e dor!)

“Teu pai — que é seu marido... e teu senhor! ...

“Juras não me vingar? — ó mãe, eu juro

Por ti, pelos beijos teus!

“— Obrigada! agora... agora

Já nada mais me demora...

Deus! — recebe a pecadora!

Filho! — recebe este adeus!”

---

Quando, rompendo as barras do oriente,

A estrela da manhã mais desmaiava,

E o vento da floresta ao céu levava

O canto jovial do bem-te-vi;

Na casinha de palha uma criança,

Da defunta abraçando o corpo frio,

Murmurava chorando em desvario:

— Eu não me vingo, ó mãe... juro por ti!...”

---

Maria calou-se... Na frente do Escravo

Suor de agonia gelado passou;

Com riso convulso murmura: “Que importa

Se o filho da escrava na campa jurou?!...

“Que tem o passado com o crime de agora?”

Que tem a vingança, que tem com o perdão?”  
E como arrancando do crânio uma idéia  
Na fronte corria-lhe a gélida mão...  
“Esquece o passado! Que morra no olvido...  
Ou antes lembra-o cruento, feroz!  
Legenda de lodo, de horror e de crimes  
E gritos de vítima e risos de algoz!  
“No frio da cova que jaz na explanada,  
— Vingança — murmuram os ossos dos meus!”  
— Não ouves um canto, que passa nos ares?  
— Perdoa! — respondem as almas nos céus!”  
— “São longos gemidos do seio materno  
Lembrando essa noite de horror e traição!”  
— “É o flébil suspiro do vento, que outrora  
Bebera nos lábios da morta o perdão!...”  
E descaiu profundo  
Em longo meditar...  
Após sombrio e fero  
Viram-no murmurar:  
“Mãe! Na região longínqua  
Onde tua alma vive,  
Sabes que eu nunca tive  
Um pensamento vil.  
Sabes que esta alma livre  
Por ti curvou-se escrava;  
E devorou a bava...  
E tigre — foi reptil!  
“Nem um tremor correra-me  
A face fustigada!  
Beije a mão armada  
Com o ferro que a feriu...  
Filho, de um pai misérrimo  
Fui o fiel rafeiro...

Caim, irmão traiçoeiro!  
Feriste... e Abel sorriu!  
“De tanto horror o cúmulo,  
Ó mãe, alma celeste  
Se perdoar quiseste,  
Eu perdoei também.  
Santificaste os míseros;  
Curvei-me reverente  
A eles tão-somente,  
Somente... a mais ninguém!  
“Ninguém! que a nada humilho-me  
Na terra, nem no espaço!...  
Pode ferir meu braço...  
— “Lucas! não pode, não!  
Mísero a mão que abri  
De tua mãe a cova...  
O golpe hoje renova!...  
Mata-me!... É teu irmão!...”

.....

## O CREPÚSCULO SERTANEJO

A tarde morria! Nas águas barrentas  
As sombras das margens deitavam-se longas;  
Na esguia atalaia das árvores secas  
Ouvia-se um triste chorar de arapongas.  
A tarde morria! Dos ramos, das lascas,  
Das pedras, do líquen, das heras, dos cardos,  
As trevas rasteiras com o ventre por terra  
Saíam, quais negros, cruéis leopardos.  
A tarde morria! Mais funda nas águas  
Lavava-se a galha do escuro ingazeiro...

Ao fresco arpejo dos ventos cortantes  
Em músico estalo rangia o coqueiro.  
Sussurro profundo! Marulho gigante!  
Talvez um — silêncio!... Talvez uma — orquestra...  
Da folha, do cálix, das asas, do inseto...  
Do átomo — à estrêla... do verme — à floresta!...  
As garças metiam o bico vermelho  
Por baixo das asas, — da brisa ao açoite —;  
E a terra na vaga de azul do infinito  
Cobria a cabeça co'as penas da noite!  
Somente por vezes, dos jungles das bordas  
Dos golfos enormes, daquela paragem,  
Erguia a cabeça surpreso, inquieto,  
Coberto de limos — um touro selvagem.  
Então as marrecas, em torno boiando,  
O vôo encurvavam medrosas, à toa...  
E o tímido bando pedindo outras praias  
Passava gritando por sobre a canoa!...  
.....  
.....

### O BANDOLIM DA DESGRAÇA

Quando de amor a Americana douda  
A moda tange na febril viola,  
E a mão febrênta sobre a corda fina  
Nervosa, ardente, sacudida rola.  
A gusla geme, s'estorcendo em ânsias,  
Rompem gemidos do instrumento em pranto...  
Choro indizível... comprimir de peitos...  
Queixas, soluços... desvairado canto!  
E mais dorida a melodia arqueja!  
E mais nervosa corre a mão nas cordas!...  
Ai! tem piedade das crianças louras

Que soluçando no instrumento acordas!...  
“Ai! tem piedade dos meus seios trêmulos...”  
Diz estalando o bandolim queixoso.  
... E a mão palpita-lhe apertando as fibras...  
E fere, e fere em dedilhar nervoso!...  
Sobre o regaço da mulher trigueira,  
Doida, cruel, a execução delira!...  
Então — co’as unhas cor-de-rosa, a moça,  
Quebrando as cordas, o instrumento atira!...  
.....

.....  
Assim, Desgraça, quando tu, maldita!  
As cordas d’alma delirante vibras...  
Como os teus dedos espedaçam rijos  
Uma por uma do infeliz as fibras!  
— Basta —, murmura esse instrumento vivo.  
— Basta —, murmura o coração rangendo,  
E tu, no entanto, num rasgar de artérias,  
Feres lasciva em dedilhar tremendo.  
Crença, esperança, mocidade e glória,  
Aos teus arpejos, — gemebundas morrem!...  
Resta uma corda... — a dos amores puros — ...  
E mais ardentes os teus dedos correm!...  
E quando farta a cortesã cansada  
A pobre gusla no tapete atira,  
Que resta?... — Uma alma — que não tem mais vida!  
Olhos — sem pranto! Desmontada — lira!!!

## A CANOA FANTÁSTICA

Pelas sombras temerosas  
Onde vai esta canoa?

Vai tripulada ou perdida?  
Vai ao certo ou vai à toa?  
Semelha um tronco gigante  
De palmeira, que s'escoa...  
No dorso da correnteza,  
Como bóia esta canoa!...  
Mas não branqueja-lhe a vela!  
N'água o remo não ressoa!  
Serão fantasmas que descem  
Na solitária canoa?  
Que vulto é este sombrio  
Gelado, imóvel, na proa?  
Dir-se-ia o gênio das sombras  
Do inferno sobre a canoa!...  
Foi visão? Pobre criança!  
À luz, que dos astros coa,  
É teu, Maria, o cadáver,  
Que desce nesta canoa?  
Caída, pálida, branca!...  
Não há quem dela se doa?!...  
Vão-lhe os cabelos a rastos  
Pela esteira da canoa!...  
E as flores róseas dos golfos,  
— Pobres flores da lagoa,  
Enrolam-se em seus cabelos  
E vão seguindo a canoa!...  
.....

## O SÃO FRANCISCO

Longe, bem longe, dos cantões bravios,  
Abrindo em alas os barrancos fundos;

Dourando o colo aos perenais estios,  
Que o sol atira nos modernos mundos;  
Por entre a grita dos ferais gentios,  
Que acampam sob os palmeirais profundos;  
Do São Francisco a soberana vaga  
Léguas e léguas triunfante alaga!  
Antemanhã, sob o sendal da bruma,  
Ele vagia na vertente ainda,  
— Linfa amorosa — co’ a nitente espuma  
Orlava o seio da Mineira linda;  
Ao meio-dia, quando o solo fuma  
Ao bafo morto de u’ a calma infinda,  
Viram-no aos beijos, delamber demente  
As rijas formas da cabocla ardente.  
Insano amante! Não lhe mata o fogo  
O deleite da indígena lasciva...  
Vem — à busca talvez de desafogo  
Bater à porta da Baiana altiva.  
Nas verdes canas o gemente rogo  
Ouve-lhe à tarde a tabaroa esquiva...  
E talvez por magia à luz da lua  
Mole a criança na caudal flutua.  
Rio soberbo! Tuas águas turvas  
Por isso descem lentas, peregrinas...  
Adormeces ao pé das palmas curvas  
Ao músico chorar das casuarinas!  
Os poldros soltos — retesando as curvas, —  
Ao galope agitando as longas crinas,  
Rasgam alegres — relinchando aos ventos —  
De tua vaga os turbilhões barrentos.  
E tu descas, ó Nilo brasileiro,  
As largas ipueiras alagando,  
E das aves o coro alvissareiro

Vai nas balças teu hino modilhando!  
Como pontes aéreas — do coqueiro  
Os cipós escarlates se atirando,  
De grinaldas em flor tecendo a arcada  
São arcos triunfais de tua estrada!...

### A CACHOEIRA

Mas súbito da noite no arrepio  
Um mugido soturno rompe as trevas...  
Titubantes — no álveo do rio —  
Tremem as lapas dos titães coevas!...  
Que grito é este sepulcral, bravio,  
Que espanta as sombras ululantes, sevas?  
É o brado atroador da catadupa  
Do penhasco batendo na garupa!...  
Quando no lodo fértil das paragens  
Onde o Paraguaçu rola profundo,  
O vermelho novilho nas pastagens  
Come os caniços do torrão fecundo;  
Inquieto ele aspira nas bafagens  
Da negra suc'r' ruiúba o cheiro imundo...  
Mas já tarde... silvando o monstro voa...  
E o novilho preado os ares troa!  
Então doido de dor, sânie babando,  
Co'a serpente no dorso parte o touro...  
Aos bramidos os vales vão clamando,  
Fogem as aves em sentido choro...  
Mas súbito ela às águas o arrastando  
Contraí-se para o negro sorvedouro...  
E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,  
Quebra-o nas roscas, donde jorra o sangue.

Assim dir-se-ia que a caudal gigante  
— Larga sucuruiúba do infinito —  
Co'as escamas das ondas coruscante  
Ferrara o negro touro de granito!...  
Hórrido, insano, triste, lacerante  
Sobe do abismo um pavoroso grito...  
E medonha a suar a rocha brava  
As pontas negras na serpente crava!...  
Dilacerado o rio espadanando  
Chama as águas da extrema do deserto...  
Atropela-se, empina, espuma o bando...  
E em massa rui no precipício aberto...  
Das grutas nas cavernas estourando  
O coro dos trovões travam concerto...  
E ao vê-lo as águias tontas, eriçadas  
Caem de horror no abismo estateladas...  
A cachoeira! Paulo Afonso! O abismo!  
A briga colossal dos elementos!  
As garras do Centauro em paroxismo  
Raspando os flancos dos parcéis sangrentos.  
Relutantes na dor do cataclismo  
Os braços do gigante suarentos  
Agüentando a ranger (espanto! assombro!)  
O rio inteiro, que lhe cai do ombro.  
Grupo enorme do fero Laocoonte  
Viva a Grécia acolá e a luta estranha!...  
Do sacerdote o punho e a roxa frente...  
E as serpentes de Tênedos em sanha!...  
Por hidra — um rio! Por águire — um monte!  
Por aras de Minerva — uma montanha!  
E em torno ao pedestal laçados, tredos,  
Como filhos — chorando-lhe — os penedos!!!...

## UM RAIOS DE LUAR

Alta noite ele ergueu-se. Hirto, solene.  
Pegou na mão da moça. Olhou-a fito...  
Que fundo olhar!  
Ela estava gelada, como a garça  
Que a tormenta ensopou longe do ninho,  
No largo mar.  
Tomou-a no regaço... assim no manto  
Apanha a mãe a criancinha loura,  
Tenra a dormir.  
Apartou-lhe os cabelos sobre a testa...  
Pálida e fria... Era talvez a morte...  
Mas a sorrir.  
Pendeu-lhe sobre os lábios. Como treme  
No sono asa de pombo, assim tremia-lhe  
O risonar.  
E como o beija-flor dentro do ovo,  
Ia-lhe o coração no níveo seio  
A titilar.  
Morta não era! Enquanto um rir convulso  
Contraíra as feições do homem silente  
— Riso fatal.  
Dir-se-ia que antes a quisera rija,  
Inteiriçada pela mão da noite  
Hirta, glacial!  
Um momento de braços sobre o abismo,  
Ele, embalando-a, sobre o rio negro  
Mais s'inclinou...  
Nesse instante o luar bateu-lhe em cheio,  
E um riso à flor dos lábios da criança  
À flux boiou!

Qual o murzelo do penhasco à borda  
Empina-se e cravando as ferraduras  
Morde o escarcéu;  
Um calafrio percorreu-lhe os músculos...  
O vulto recuou!... A noite em meio  
Ia no céu!

## DESPERTAR PARA MORRER

— “Acorda!”  
— “Quem me chama?”  
— “Escuta!”  
— “Escuto...”  
— “Nada ouviste?”  
— “Inda não...”  
— “É porque o vento  
Escasseou.”  
— “Ouço agora... da noite na calada  
Uma voz que ressona cava e funda...  
E após cansou!”  
— “Sabes que voz é esta?”  
— “Não! Semelha  
Do agonizante o derradeiro engasgo,  
Rouco estertor...”  
E calados ficaram, mudos, quedos,  
Mãos contraídas, bocas sem alento...  
Hora de horror!...

## LOUCURA DIVINA

— “Sabes que voz é esta?”

Ela cismava!...  
— “Sabes, Maria?  
— “É uma canção de amores.  
Que além gemeu!”  
— “É o abismo, criança!...”  
A moça rindo  
Enlaçou-lhe o pescoço:  
— “Oh! não! não mintas!  
Bem sei que é o céu!”  
— “Doida! Doida! É a voragem que nos chama!...”  
— “Eu ouço a Liberdade!”  
— “É a morte, infante!”  
— “Erraste. É a salvação!”  
— “Negro fantasma é quem me embala o esquife!”  
— “Loucura! É tua Mãe... O esquife é um berço,  
Que bóia n’ amplidão!...”  
— “Não vês os panos d’água como alvejam  
Nos penedos? Que gélido sudário  
O rio nos talhou!”  
— “Veste-me o cetim branco do noivado...  
Roupas alvas de prata... albrantes dobras...  
Veste-me!... Eu aqui estou.”  
— Já na proa espadana, salta a espuma...  
— São as flores gentis da laranjeira  
Que o pego vem nos dar...  
Oh! névoa! Eu amo teu sendal de gaze!...  
Abram-se as ondas como virgens louras,  
Para a Esposa passar!...  
“As estrelas palpitam! — São as tochas!  
Os rochedos murmuram!... São os monges!  
Reza um órgão nos céus!  
Que incenso! — Os rolos que do abismo voam!  
Que turíbulo enorme — Paulo Afonso!

Que sacerdote! — Deus...”

## À BEIRA DO ABISMO E DO INFINITO

A celeste Africana, a Virgem-Noite  
Cobria as faces... Gota a gota os astros  
Caíam-lhe das mãos no peito seu...  
... Um beijo infindo suspirou nos ares...

.....  
A canoa rolava!... Abriu-se a um tempo  
O precipício!... e o céu!...

Santa Isabel, 12 de julho de 1870